

A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE OBRAS COM PROTAGONISMO NEGRO COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

THE IMPORTANCE OF STUDYING WORKS WITH BLACK PROTAGONISM AS AN ANTI-RACIST PRACTICE WITHIN THE 9TH GRADE CLASSROOM OF ELEMENTARY EDUCATION

LA IMPORTANCIA DEL ESTUDIO DE OBRAS CON PROTAGONISMO NEGRO COMO PRÁCTICA ANTIRRACISTA EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA

L'IMPORTANCE DE L'ÉTUDE DES ŒUVRES AVEC UN PROTAGONISME NOIR COMME PRATIQUE ANTIRACISTE DANS L'ENSEIGNEMENT FONDAMENTAL

João Victor dos Reis Silva

Graduado em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa. Universidade Federal do Maranhão,
campus São Bernardo - MA.

joaovictordosreissilva20@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-3851-2490>

Recebido em: 18/03/2024

Aceito para publicação: 30/05/2025

Resumo

Ao longo dos séculos o negro foi retratado pela visão do branco de forma equivocada e até preconceituosa, distorcendo a sua imagem e criando uma representação negativa que o coloca sempre numa posição inferior. O Presente artigo tem como objetivo analisar o ensino de autores e obras afro-brasileira dentro da sala de aula de 9º ano do ensino fundamental II de forma não estereotipada e positiva. A pesquisa é aplicada de natureza qualitativa, compreendida como um estudo de caso, no qual utilizou-se como técnica a aplicação de um questionário, entrevistando 15 alunos da rede pública de ensino com o intuito de observar sobre o estudo de obras de protagonismo negro dentro da literatura afro-brasileira, após o questionário foi aplicado com os alunos, justamente da professora titular, um projeto sobre autores negros que trazem consigo uma visão aproximada sobre a vivência do povo preto, proporcionando aos alunos, a construção de um pensamento antirracista e preconceituoso. Para auxiliar no desenvolvimento teórico foram utilizados principalmente Proença Filho (2004); Evaristo (2005); Duarte (2008) e Lobo (2007).

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; ensino.

Abstract

Over the centuries, black people have been portrayed by the white perspective in a mistaken and even prejudiced way, distorting their image and creating a negative representation that always places them in an inferior position. The present article aims to analyze the teaching of Afro-Brazilian authors and works within the 9th grade classroom of elementary school II in a non-stereotyped and positive way. The research is applied of a qualitative nature, understood as a case study, in which a questionnaire was used as a technique, interviewing 15 students from the public school system with

the aim of observing the study of works of black protagonism within Afro-Brazilian literature, after the questionnaire was applied with the students, precisely from the titular teacher, a project about black authors who bring with them a close view of the experience of black people, providing the students with the construction of an anti-racist and prejudiced thought. To assist in the theoretical development, Proença Filho (2004); Evaristo (2005); Duarte (2008) and Lobo (2007) were mainly used.

Keywords: Afro-Brazilian literature; teaching; research

Resumen

A lo largo de los siglos, el negro ha sido retratado por la visión del blanco de manera equivocada e incluso prejuiciosa, distorsionando su imagen y creando una representación negativa que siempre lo coloca en una posición inferior. El presente artículo tiene como objetivo analizar la enseñanza de autores y obras afrobrasileñas dentro del aula de 9º año de la educación básica II de manera no estereotipada y positiva. La investigación es de naturaleza cualitativa, comprendida como un estudio de caso, en el que se utilizó como técnica la aplicación de un cuestionario, entrevistando a 15 estudiantes de la red pública de enseñanza con el objetivo de observar el estudio de obras de protagonismo negro dentro de la literatura afrobrasileña. Después del cuestionario, se aplicó a los estudiantes, precisamente por parte de la profesora titular, un proyecto sobre autores negros que traen consigo una visión aproximada de la experiencia del pueblo negro, proporcionando a los alumnos la construcción de un pensamiento antirracista y libre de prejuicios. Para ayudar en el desarrollo teórico, se utilizaron principalmente las obras de Proença Filho (2004), Evaristo (2005), Duarte (2008) y Lobo (2007).

Palabras clave: Literatura afrobrasileña; enseñanza.

Résumé

Au fil des siècles, le noir a été dépeint par la vision du blanc de manière erronée et même préjudiciable, déformant son image et créant une représentation négative qui le place toujours dans une position inférieure. Le présent article vise à analyser l'enseignement des auteurs et des œuvres afro-brésiliennes dans la salle de classe de la 9e année de l'enseignement fondamental II de manière non stéréotypée et positive. La recherche est de nature qualitative, comprise comme une étude de cas, dans laquelle la technique d'application d'un questionnaire a été utilisée, en interrogeant 15 élèves du réseau d'enseignement public dans le but d'observer l'étude d'œuvres mettant en avant les Noirs dans la littérature afro-brésilienne. Après le questionnaire, un projet sur les auteurs noirs, porteurs d'une vision approfondie de l'expérience du peuple noir, a été mis en place avec les élèves, précisément par la professeure titulaire, favorisant la construction d'une pensée antiraciste et dépourvue de préjugés chez les élèves. Pour aider au développement théorique, les œuvres de Proença Filho (2004), Evaristo (2005), Duarte (2008) et Lobo (2007) ont été principalement utilisées.

Mots-clés: Littérature afro-brésilienne ; enseignement.

Introdução

Ao considerar a base estrutural da sociedade brasileira, calcada no longo processo de tráfico atlântico e escravização que grassou ao longo de quase quatro séculos (desde o século 16 até fins do século 19), observa-se como os sujeitos constituintes da população negra brasileira foram presos, escravizados, humilhados mortos, dentre outras agruras, apenas pelo fato de serem negros. No âmbito das artes, e seguindo a tendência social geral, a representação do negro era carregada de estigmas e estereótipos, seja na música, teatro ou na literatura. Importa frisar que inclusive a cultura produzida pelo negro era distorcida e por muitas vezes apagada, fazendo com que muitos escravizados ou descendentes de escravizados nem sequer

chegassem a conhecer sobre o lugar do qual seus antepassados foram brutalmente retirados via sequestro pelo colonizador (SARAIVA, 2013).

Mesmo após a abolição da escravidão o negro ainda sofreu – e sofre – com resquícios do período escravagista, o que se reapresenta e atualiza sempre em forma de racismo, de apagamento sobre a sua cultura (e por consequente, a sua identidade) e sobre os diversos estereótipos que ainda permeiam sua imagem até os dias de hoje. Indo para o campo da literatura, muitos autores tentaram construir uma representação do negro como pessoa dotada de subjetividade, alguns até conseguem, outros caem por representá-los de forma negativa e estereotipada.

E é neste ponto que surge nossa problemática inicial: a representação positiva e a representação negativa do negro dentro de obras literárias afro-brasileiras. É preciso ter em mente que a literatura brasileira faz parte desse escopo, no qual desde seus primórdios tem o negro sendo representado de forma marginalizada (PROENÇA FILHO, 2004. p.01).

Sendo assim, dentro dessas representações bastante corriqueiras, teremos a literatura “do negro”, aparecendo como a forma positiva, na qual em grande parte serão autores negros e/ou mestiços; descendentes de negros escravizados, que contarão suas histórias de um ponto de vista pessoal e ímpar. Já do outro lado teremos o que chamamos de literatura “sobre o negro”. Aqui teremos autores brancos, negros e/ou mestiços escrevendo obras em que o negro aparece, entretanto, recaindo na má representação (PROENÇA FILHO, 2004).

Dessa forma, a presente discussão busca fazer uma escolha de obras partindo do recorte histórico do século XIX, passando pelo Romantismo, até chegar aos tempos atuais, que representam tanto a literatura “do negro”, como a literatura “sobre o negro”. Além disso serão pontuadas quais suas implicações nos dias atuais, como essa representação afeta de alguma forma os jovens pretos e periféricos, que no mais, já sofrem com estereótipos e preconceitos; resquícios do período de escravidão.

Com isso entramos no segundo ponto principal da presente discussão, que é o ensino dessas obras de representação positivada do personagem negro dentro da sala de aula. Trata-se de uma discussão necessária, considerando o processo de representação como positivo para a juventude preta, com possibilidade de conhecer autores e obras literárias que façam essa representação de forma mais plural. Além disso, é preciso saber se de fato os alunos tendo acesso aos conhecimentos sobre autores e obras de literatura afro-brasileira, uma vez que isto é garantido por lei (Lei 10.639 de 2003 da LDB). Também nos interessa perceber como se processa o ensino dessas obras dentro da sala de aula, bem como a sua importância e relevância para o crescimento moral e ético dos alunos como indivíduos críticos.

O estudo se caracteriza como bibliográfico no âmbito da pesquisa sobre as obras literárias. Há também o uso de uma base qualitativa, por meio de questionário impresso, no que diz respeito a ensino de literatura afro-brasileira dentro da sala de aula, uma vez que se fez necessária a metodologia de visita, observação e extração de dados do campo de pesquisa.

Junto da pesquisa qualitativa, notou-se a necessidade de uma ampliação do trabalho, que culminou em um projeto sobre o ensino de autores e obras literárias afro-brasileiras, na turma de 9º ano A da escola Municipal Maria Célia Cristina Pereira dos Reis, com o intuito de desmitificar os estereótipos veiculados ao negro, conscientizando, assim, os alunos e

estimulando o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre essas representações, visando o fortalecimento de uma educação plural e de viés antirracista.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM OBRAS LITERÁRIAS

A busca pela representação negra de um ponto de vista positivo é uma pauta discutida e trabalhada por pesquisadores já há bastante tempo, não só no Brasil, mas em todo o mundo. Nos dias de hoje, pode-se notar um grande aumento de autores e obras que tematizam a negritude, podendo-se tomar como exemplo as de Conceição Evaristo, Abdias do Nascimento, Cuti, Fernanda Miranda, Mário César Medeiros, entre outras. Contudo, é um espaço ainda relativamente novo e que passou por diversas transformações e resignificações históricas, sociais e culturais.

Não obstante, podemos notar que também está ocorrendo uma ascensão da chamada “Classe Média Negra”, nos quais negros e periféricos vêm ganhando seu espaço de maneira a conseguir uma ascensão social financeira por meio de acesso à educação, o que aponta também para políticas que alicerçam o acesso às redes de ensino superior seja por conta de programas federais, ou um apoio familiar e social maior². Sobre essa ascensão, Eduardo de Assis Duarte em sua obra **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção** afirma que:

“Não há dúvida de que, por um lado, a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo do consumo; e, por outro, a instituição de mecanismos como a lei 10.639/2003 ou as ações afirmativas, vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente.” (DUARTE, 2008. p. 114)

Mesmo com toda essa representação positiva, iniciada com maior força em fins do século XX, a imagem do negro tem um longo trajeto de exploração, humilhação, apagamento e apassivação dentro de diversas obras com o passar dos séculos (MELO, 2010), o que será discutido mais acuradamente a seguir.

A representação do negro na literatura afro-brasileira: uma visão estereotipada

A literatura pode ser vista como um espaço de produção e reprodução de sentidos (EVARISTO, 2005. p. 52), sendo assim, pode-se afirmar que dependendo do meio social, histórico e cultural as produções podem refletir o pensamento tanto do autor como da sociedade como um todo. No caso da literatura nacional, desde seus primórdios podemos ver que existe um descaso para com as pessoas não brancas – principalmente negros, e mais ainda quando se trata da mulher preta. Esse descaso se dá por conta de uma visão eurocêntrica³, que vilaniza e apaga tudo aquilo que não é europeu ou relacionado ao homem branco

Vale ressaltar que embora estejamos falando do negro, a representação que mais sofre estereótipos dentro da literatura afro-brasileira é a da mulher preta - protagonistas como **A escrava Isaura**, **Iracema**, ou personagens coadjuvantes como Bertoleza (**O Cortiço**) - tem sua imagem vinculada à passividade e obediência ao seu marido, que por sua vez ou é seu “dono”, ou é um europeu pelo qual a personagem se vê perdidamente apaixonada. Sobre

isso, Conceição Evaristo faz a seguinte afirmação:

Partindo dessas primícias, pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. **A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.** (EVARISTO, 2005, p. 52. Grifos nossos)

Assim, podemos ver inúmeras obras ao longo dos séculos que contém algum tipo de estereótipo ou distorção da personalidade da personagem preta. O período ao qual vamos observar data do início no século XIX, período em que se concentram muitas obras que apresentam essas distorções, dado o período do Romantismo e da abolição da escravatura no Brasil. Em relação ao conceito de visão distanciada, Domínico Proença Filho (2004) faz a seguinte colocação:

[...] configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética branca dominante. (PROENÇA FILHO, 2004. Pág. 118.)

A partir do que menciona o autor, por conta da convergência desses inúmeros fatores, elaborou-se um pensamento em que muitos autores representavam os pretos em suas obras literárias com o intuito de retratar o negro como um homem livre⁴, mas o que se via eram inúmeros personagens, muitas vezes escritos por brancos, que ainda caíam no estereótipo do negro escravo, do negro passivo ou uma visão fetichista mostrando o negro como um objeto de desejo sexual, entre inúmeros outros (PACHECO, 2008).

Podemos começar com o *escravo nobre*, imagem na qual o negro consegue a tal nobreza a custo da sua dignidade e passividade, não há uma revolta ou hesitação vinda do personagem, ele simplesmente aceita sua posição de “inferior” perante o seu dono. Este por sua vez se vê como um salvador, que merece todo o amor e devoção de seu escravo por poder lhe conceder tal *status*. O que se pode notar aqui também é o branqueamento do negro, suas características físicas se assemelham mais ao branco do que ao negro, gerando assim uma aceitação maior. Sobre esse processo de branqueamento Hofbauer (2006) afirma que:

O ideário do branqueamento postula a supremacia do branco e, ao mesmo tempo, induz os indivíduos se aproximarem desse ideal. Traz em S1 um potencial de resistência contra qualquer tentativa de 'essencializar' os limites de cor e/ou de raça, uma vez que faz com que Os indivíduos tendam a apostarem negociações pessoais e contextuais das fronteiras identitárias e tendam a rejeitar processos e mecanismos formais de delimitá-las. Essa prática social tem contribuído para encobrir o teor discriminatório embutido nesse esquema ideológico (HOFBAUER, 2006, p. 27)

Um exemplo de personagem que aceita seu *status* é a personagem escrava Isaura, do romance homônimo escrito por Bernardo Guimarães no século XIX. Aqui vemos que a personagem se sujeita a inúmeros descasos e humilhações vindas de sua senhora, e que se vê agradecida por estar na posição que ocupa, mesmo sendo uma pessoa de pele clara conforme retrata o trecho

abaixo:

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. **És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.** [...] (grifos meus)

– Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

- **Queixas-te de tua sorte, Isaura?**

- **Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.**

Podemos ver, portanto, uma clara posição de passividade e aceitação de inferioridade e que mesmo sendo uma escrava de pele clara e tendo inúmeras qualidades mencionadas pela sua senhora, ela continua sendo uma escrava e nada vai mudar isso. A senhora, por sua vez, demonstra uma clara visão do que chamam de “síndrome do branco salvador”⁵, que refuta Isaura quando a mesma se queixa de sua posição.

Outro exemplo de personagem que se beneficia do seu embranquecimento é o personagem escrito por Aluísio Azevedo no romance **O Mulato**, o famoso negro de olhos claros, Raimundo. Este que desconhece seu passado e a sua mãe, uma mulher escravizada, e quando toma consciência de sua origem, passa a rejeitá-la e a se lamentar. Em um dado momento de conversa com sua amada, ele diz:

–...acredita que ninguém te amará mais do que te amo e desejo! Se soubesses, porém, quanto custa ouvir cara-a-cara: “Não lhe dou minha filha porque o senhor é indigno dela, o senhor é filho de uma escrava!” Se dissessem: “É porque é pobre!” que diabo! – eu trabalharia! Se dissessem: “É porque não tem a posição social!” juro-te que a conquistaria, fosse como fosse!” É porque é um infame! um ladrão! um miserável!” eu me comprometeria a fazer de mim o melhor dos homens de bem! **Mas um ex-escravo, um filho de negra, um – mulato! – E como hei de apagar a minha história da lembrança de toda esta gente que me detesta.** (grifos meus)

Raimundo se queixa de sua origem, podemos ver um lamento e que, com um complexo de inferioridade engendrado marcadamente pelo viés racial que predominava no Brasil do século XIX, acabaria com seu relacionamento. Mais uma vez podemos ver que não há, em nenhum momento, uma indignação plausível para com aqueles que o vem de uma forma racista, mas sim um lamento por ele próprio ter aquele sangue e ser filho de uma escrava. Sendo assim, o que vemos nos dois exemplos aqui colocados é uma clara representação não só do chamado escravo nobre, como também do negro com o papel apenas de vítima, não se tem uma indignação ou descontentamento, apenas os dois sendo passivos e aceitando a submissão e descaso.

Esse papel do negro como vítima é visto também em algumas das obras do poeta romântico Castro Alves, em especial, na sua obra de maior renome “O navio negreiro”. Na obra em sua

totalidade, o poeta disserta sobre os horrores sofridos pelos africanos traficados para o Brasil, contudo, o africano-escravizado apenas assumia papel de vítima e não demonstrava, novamente, a revolta que se espera de um poeta abolicionista. Muito pelo contrário, a revolta e indignação fica para os “heróis do novo mundo”, como Andrada, Colombo, deixando de lado heróis que de fato estavam lutando pela causa negra, como o próprio Zumbi dos Palmares.

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo

O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!

Mas é infâmia de mais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!”

Partindo para outro ponto de representação, teremos o negro ou mulato como um objeto de desejo sexual e/ou erotizado. Aqui vemos o negro – principalmente a mulher negra – como uma figura que se limita a apenas seu corpo sensual e bonito, seus dotes ou proporções de seus corpos. Como por exemplo a personagem Gabriela de *“Gabriela, Cravo e Canela”* (1958), de Jorge Amado, na qual vemos ela como uma mulher ingênua que é incapaz de compreender as malícias vindas dos homens.

[...] Nacib procurava enxergar. E aquele perfume de cravo, de tontear. Gabriela agitou-se no sono, o árabe transpusera a porta. Estava com a mão estendida, sem coragem de tocar o corpo dormido. Por que apressar-se? Se ela gritasse, se fizesse um escândalo, fosse embora? Ficaria sem cozinheira, outra igual a ela jamais encontraria. O melhor era deixar o pacote na beira da cama. No outro dia demoraria mais em casa, ganhando sua confiança pouco a pouco, terminaria por conquistá-la. Sua mão quase tremia pousando o embrulho. Gabriela sobressaltou-se, abriu os olhos, ia falar, mas viu Nacib de pé, a fitá-la. Com a mão, instintivamente, procurou a coberta, mas tudo que conseguiu – por acanhamento ou por malícia? – foi fazê-la escorregar da cama. Levantou-se a meio, ficou sentada, sorria tímida. Não buscava esconder o seio, agora visível ao luar. (p.120)

No trecho acima, vemos que Nacib espia Gabriela dormindo, e após se levantar e perceber que ele a observa, a mesma não esboça nenhuma reação de espanto para querer expulsá-lo ou questionar o que faz ali. Apenas aceita, o que resulta no decorrer da narrativa é Nacib avançando sobre a protagonista Gabriela. Percebe-se que ele não vai, a princípio, toca-la pois tem medo de perder a sua recém cozinheira, ou que ela possa gritar e assim resultar um constrangimento.

Apenas no final do século XX que de fato foi possível observar autores buscando mudar essa visão deslocada da realidade, e essa nova geração de autores estava mais preocupada em fazer uma literatura para o negro, visto que muitos agora são pretos ou mestiços que sofreram na pele o racismo.

A representação do negro de forma positiva

Antes de adentrarmos no conceito de uma representação positivada do negro na literatura afro-brasileira, é necessário definir aqui o que seria essa literatura sobre o negro. Segundo Lobo (2007):

A literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma assumida, discutindo os problemas que a concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem que se assumir como negro. (LOBO, 2007, p. 266).

Se antes tínhamos autores que representavam o negro a partir de uma perspectiva servil, animalizada, selvagem, deturbada ou distante, agora vemos uma mudança. Surgiram autores – e revemos outros antigos – negros que escreviam – escrevem – para e sobre o negro, mostrando as suas vivências, lutas, feridas e indignações, pois como afirma Octavio Ianni (1988) “[...] o negro é o tema principal na literatura negra.”

Retornando às discussões ainda sobre o século XIX, teremos aquela que é a pioneira para a causa abolicionista com as suas obras que retratavam – muito antes da abolição da escravidão, – o horror e a indignação em seus personagens negros: Maria Firmina dos Reis. Maria Firmina nasceu no estado do Maranhão, próximo a capital São Luís, foi professora e trabalhou de forma ativa para auxiliar na alfabetização de jovens pretos. Sua obra “Úrsula” é considerada a primeira obra em língua portuguesa defendendo a causa abolicionista em um período em que ainda predominava a escravatura, não obstante, também é considerada a primeira obra escrita por uma mulher – uma mulher negra.

Mesmo não tendo o devido reconhecimento durante a sua época – pelo fato de ser mulher e sobretudo negra – suas obras, graças ao seu pensamento muito à frente de seu tempo, ganham destaque e estão sendo revisitadas por pesquisadores desde a década de 1970. Alguns de seus trabalhos foram perdidos visto que não podia assinar seus escritos que eram subscritos apenas com a assinatura “Uma Maranhense”, mas aqueles que prevaleceram contém uma enorme relevância até mesmo para os dias de hoje e são alvo de revisão para a busca de uma representação positivada e antirracista.

Logo no primeiro capítulo temos destaque para o jovem escravo Túlio e o jovem de boa vida, Tancredo. Este por sua vez se encontrava em más condições, já que seu cavalo havia se machucado, levando-o a cair e bater a cabeça, fazendo-o desmaiar, até que Túlio o encontra e ajuda de bom grado.

– Que ventura! – então disse ele, erguendo as mãos ao céu – que ventura podê-lo salvar!

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde – dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!... (REIS, 2004, p. 22.)

Percebe-se que Túlio tem um bom coração e que fica feliz em ajudar o jovem desacordado,

mostrando assim um lado mais humano e gentil do negro, que mesmo escravizado, o seu coração ainda não se corrompeu pelo rancor ou pela raiva contra o colonizador. Mostra também que Túlio está para além de apenas um escravo que serve ao trabalho braçal ou se limita a ser um transmissor de mensagens de seus “donos”.

Seguindo mais a frente, vemos uma característica que está presente em outros personagens na obra: a religiosidade. A bondade e virtude do jovem negro vem de um valor da fé cristã, que é muito forte na escrita de Firmina. Dessa forma, Maria não afugenta seus leitores brancos em sua maioria e ainda cria uma sensibilidade maior com os mesmos.

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... a aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?!

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2004, p. 23).

Como Duarte (2009) mostra em seu posfácio escrito para a edição de 150 anos da publicação da obra de Firmina, que para entender a crítica na obra da autora é preciso entender que “[...] escravidão é “odiosa”, mas nem por isto endurece a sensibilidade do jovem negro. Eis a chave para compreender a estratégia autoral de denúncia e combate ao regime sem agredir em demasia as convicções dos leitores brancos.” (DUARTE, 2009, p. 2)

Ela, de forma engenhosa, faz uso da religião cristã como uma das ferramentas para criticar a escravidão, com a ideia de que “somos todos irmãos” e “ame o próximo como a ti mesmo”. Isto que por sua vez dado a época em que a obra fora escrita é algo muito corajoso, uma vez que a igreja não só não apoiava a abolição da escravatura como também era compassiva com o ato.

Não para por aí a destreza da autora, mostrando o negro que não se tornou um carrasco – muito pelo contrário – mesmo passando por humilhações e preconceito, somos apresentando a uma personagem icônica na trama, a mãe Susana, ela é uma africana idosa que fora traficada de sua terra mãe pelos colonos portugueses. Ficamos sabendo da sua origem e vida através de um diálogo que ela tem com o jovem negro, Túlio, considerado um dos pontos altos do romance. É brutal e ao mesmo tempo triste e comovente a maneira como Maria Firmina trata do assunto em sua escrita.

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. (REIS, 2004, p. 88. Grifos meus)

Susana chamar os homens que a pegaram de bárbaros é, novamente, um ato de muita coragem vindo de Maria Firmina, e mostra um trato não só abolicionista, mas também descolonial, buscando com este discurso de Susana dar uma guinada subjetiva de maneira a

apresentar o processo de sequestro e escravização cometido pelo colonizador como um verdadeiro ato de barbaridade. Desta forma, a construção discursiva da autora, feita por meio desta personagem bem colocada ao longo do romance (lembremos que se trata de uma mulher negra discursando).

Sempre vemos o nativo ou o negro africano sendo representado como um ser “sem cultura”, “sem fé”, “um selvagem” e que precisa da ajuda do homem branco, mas a autora mostra no trecho que o selvagem não é ela, muito menos o seu povo, mas sim, aquele que roubou a liberdade, não apenas a sua, mas de todos aqueles que ela conhecia.

[...] Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam- nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!

Muitos não deixavam chegar esse último extremo — davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim.

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade fora sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. (REIS, 2004, p. 88- 89)

Continuando o diálogo, Susana conta detalhes do que passou nos navios que traficavam os negros, muitos não chegavam vivos, os que permaneciam eram submetidos a situações inimagináveis. É importante ressaltar que a africana de fato viveu sua liberdade plena em sua juventude, algo que Túlio não tivera – e possivelmente nunca vai ter – já que cresceu no meio desse ambiente de escravidão, preconceito e torturas.

Úrsula é uma obra de extrema relevância dado a sua forma de fazer uma crítica ao que estava acontecendo na sociedade por meio de seus personagens, sejam eles brancos, negros ou até mesmo indígenas. Pode-se perceber um pensamento pioneiro e que deve ser estudado, trabalhado e discutido dentro da sala de aula na educação básica (seja nos anos finais do ensino fundamental II ou ensino médio). O negro aqui se mostra desgostoso com o seu status, ficam indignados, mas sabem que não podem fazer nada naquele momento. Eles não são carrascos ou juizes de valor, são humanizados. Túlio é um jovem ingênuo e bondoso com um coração puro, mesmo vivendo em um meio em que seria como ele ser um rebelde ou violento, mas não. Por meio de sua fé ele permanece sendo uma pessoa virtuosa. Mãe Susana, essa que teve sua família arrancada e sua liberdade usurpada permanece sendo uma mulher gentil – apesar de não confiar em Tancredo –, ela nutre um carinho por Úrsula, mesmo ela sendo filha do homem que comprou a africana.

No fim do século XX e início XXI tem-se uma outra autora que também faz fortes críticas em

suas obras, principalmente a mulher negra: Conceição Evaristo, que tem um papel fundamental para a construção da identidade dessa mulher dentro da literatura afro-brasileira.

Em seu conto “Olhos d’água” vemos o relato de uma mulher e toda a sua infância difícil junto de suas irmãs e mãe, na qual fica um questionamento: Qual a cor dos olhos de sua mãe?

O que chama a atenção é a forma como Evaristo traz essas personagens – todas negras e mulheres – e ainda faz o resgate de seus ancestrais africanos para buscar força e seguir em frente, não deixando de lado toda a história e cultura desses seus antepassados.

E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2016, p. 12.)

Vale ressaltar também que nas obras de Evaristo veremos muito o papel da mulher negra como mãe, aquela que é o pilar da família e que é forte, guerreira. Papel este que é deixado de lado em muitos casos em obras de outros autores, que raramente colocam a mulher negra sendo mãe, ou o pilar da casa. E quando é visto, ela está cuidando não dos seus, mas dos filhos dos seus senhores, isto por sua vez se mostra sendo resquício de uma época no qual a negra escravizada não tinha domínio ou posse de seu próprio corpo. É neste sentido que Conceição escreve, por exemplo, termos como *Escrevivência*, ela fala que:

[...] *Escrevivência*, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.” (EVARISTO, 2020. p. 30)

Portanto, vemos uma leva de escritoras junto de Evaristo que buscam retratar a mulher, sobretudo a negra, de forma mais humana, dona de si mesma e de seu corpo. Autoras que escrevem sobre essa *Escrevivência* tem total consciência de seu papel dentro da sociedade, de forma crítica ou política (EVARISTO, 2005). Seguindo essa linha em busca de uma literatura ainda mais afro-brasileira, temos por exemplo Ana Cruz produzindo poesias, Esmeralda Ribeiro, e um pouco mais antes, por que não, Carolina Maria de Jesus?

Pensando de uma forma pedagógica, estas obras e autores são de vital importância se quisermos propiciar nos alunos um pensamento crítico-social sobre e como a sociedade tratou e ainda trata o negro, seja dentro na literatura ou na realidade. Mas obvio, isso só é possível se forem ensinados dentro de sala de aula.

O ENSINO DE AUTORES AFRO-BRASILEIROS DENTRO DA SALA DE AULA

O foco de ensino dentro da sala de aula seja em conteúdos de língua portuguesa ou não, na sua grande parte, eram focados em uma cultura e visão eurocêntrica de mundo. Análises superficiais e um endeusamento de autores controversos e problemáticos sempre fizeram e farão parte – infelizmente – da matriz curricular do professor, sobretudo o de literatura.

Mesmo com a chegada de autores negros que desmitificaram muitas representações controversas em obra de grande renome no final do século XX e início do XXI, ou com a implementação da lei 10.639 de 2003, vê-se um descaso com a cultura negra em sala de aula.

Falando um pouco mais sobre a lei de 2003, é fato que ela ajudou a melhorar e deu espaço para professores – negros ou não – trabalharem e tratarem com maior destaque a cultura negra e africana para seus alunos. Desde a sua implementação é nítido que houve uma melhora significativa no ensino e na aprendizagem da cultura negra como um todo, e com a implementação da lei 11.645 de 2008 que agora incluía a história e luta do povo indígena na grade curricular, só reforçou a ideia de uma mudança de foco de ensino. O que obviamente não aconteceu em partes.

Em consonância dessas leis tivemos também suas diretrizes, que traziam consigo diversas instruções para a implementação das duas leis, a princípio, a 10.639, essas diretrizes foram chamadas de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. (RESOLUÇÃO Nº 1, de 17 de junho de 2004)

Nessa Diretriz vemos que o negro precisa ter uma participação e reconhecimento ativo dentro da sociedade, e para isso, ele precisa conhecer a sua história e a de seu povo.

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e **busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros.** (BRASIL, 2004. p. 10. Grifos meus)

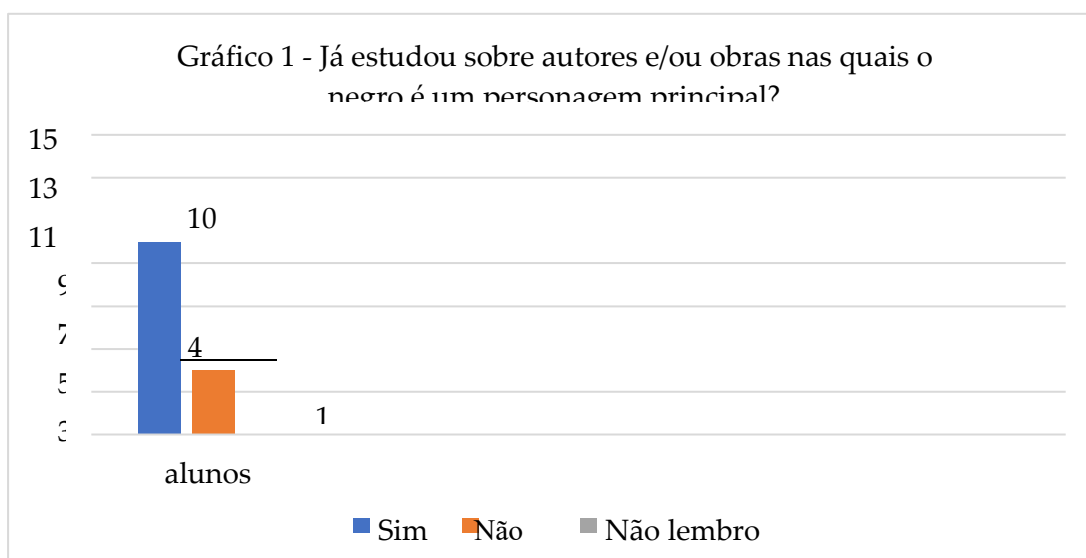
Dessa forma, vemos que não só o professor e a escola que devem promover debates sobre a história de vida do povo afro-brasileiro, como está previsto por lei tal ato. Se olharmos mais recentemente, teremos a BNCC – atual documento norteado de ensino do país – que também estimula o trabalho de textos literários produzidos por negros e ou descendentes dentro da sala de aula.

Incentivos legais, como as já mencionadas leis se fazem presentes hoje, junto de movimentos sociais que pregam pela urgência do ensino antirracista nas salas de aula. O professor de literatura como mediador de conhecimento, seja ele negro ou não, tem o dever de trabalhar de forma orgânica e dinâmica obras que representem o negro de forma positivada, ressaltando que a sua história vai além de ser um povo que fora escravizado. Então, o questionamento que fica é por quê mesmo com inúmeros incentivos do governo, do atual documento que norteia o ensino no país ainda se tem um descaso para com o ensino de literatura afro brasileira dentro da sala de aula?

A literatura negra em sala de aula: um olhar de dentro

Para buscar entender o problema é preciso ir a campo, e para isso, foram utilizados como fonte de pesquisa 15 alunos do 9º “A” do ensino fundamental da escola Municipal Célia

Cristina Pereira dos Reis localizada na cidade de São Bernardo – MA. E como ferramenta de pesquisa foi utilizado o meio qualitativo com auxílio de um questionário impresso disponibilizado aos alunos. O questionário era composto de cinco perguntas de “sim”, “não” e “não lembro”, que visavam responder questões como a frequência com que liam obras de autores negros, se estudaram ou estudam obras de autoria negra. Além disso, foi questionado sobre o conhecimento dos alunos sobre a autora Maria Firmina dos Reis e sua obra *Úrsula*. Em relação a primeira questão que buscava saber dos alunos quantos deles estudaram sobre autores e/ou obras as quais o negro é protagonista, foi possível observar um número elevado de repostas positivas.

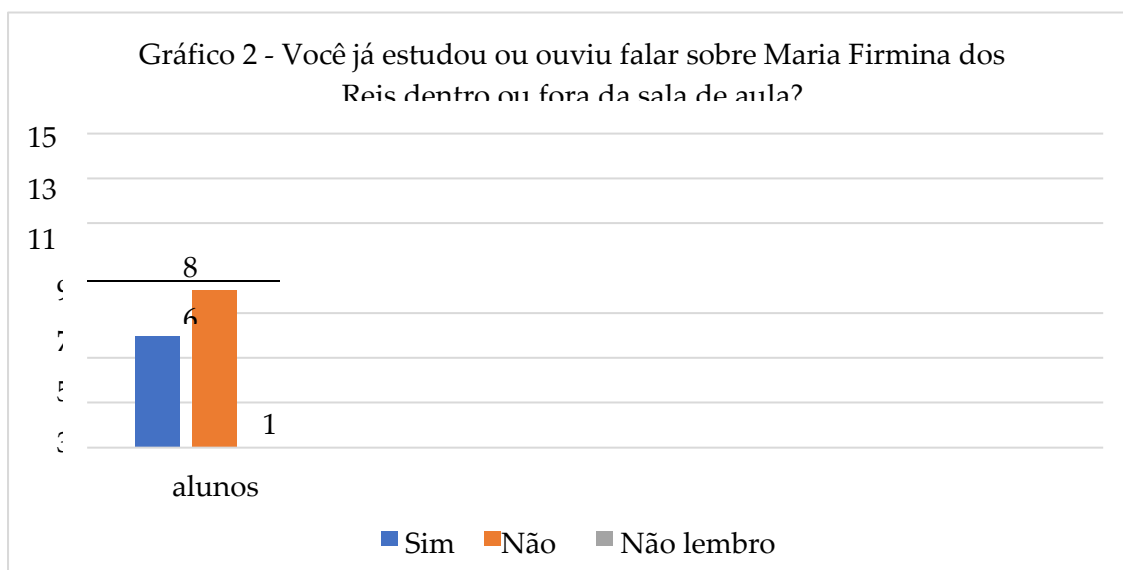


Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Dos quinze alunos entrevistados, dez responderam que sim, já estudaram sobre obras de protagonismo negro dentro da sala de aula junto de seus professores. Desses quatro que não estudaram ou o único que não lembra, quando questionados falaram que se estudaram ou não, “não faziam ideia”.

Dentro da sala de aula podemos ver que muitos dos alunos detinham ao menos um conhecimento básico sobre autores e obras de caráter afro-brasileiro, isso se dá por conta dos inúmeros movimentos de preservação e autoafirmação do negro do Brasil, que por sua vez resultaram em ações legislativas – como a já citada lei 10.639/2003. E sobre isto Duarte (2008) fala que “[...] a lei 10.639/2003 ou as ações afirmativas, vêm contribuindo para a construção de um ambiente favorável a uma presença mais significativa das artes marcadas pelo pertencimento étnico afrodescendente.” (DUARTE, 2008. Pág. 114.)

Seguindo para o próximo questionamento, dessa vez com o intuito de saber sobre o conhecimento dos alunos a respeito de Maria Firmina dos Reis. O resultado foi dividido, mostrando que se faz necessário uma atenção e um cuidado maior para o ensino, mesmo que seja apenas falar sobre a biografia de autores negros, sobretudo sendo do Maranhão.



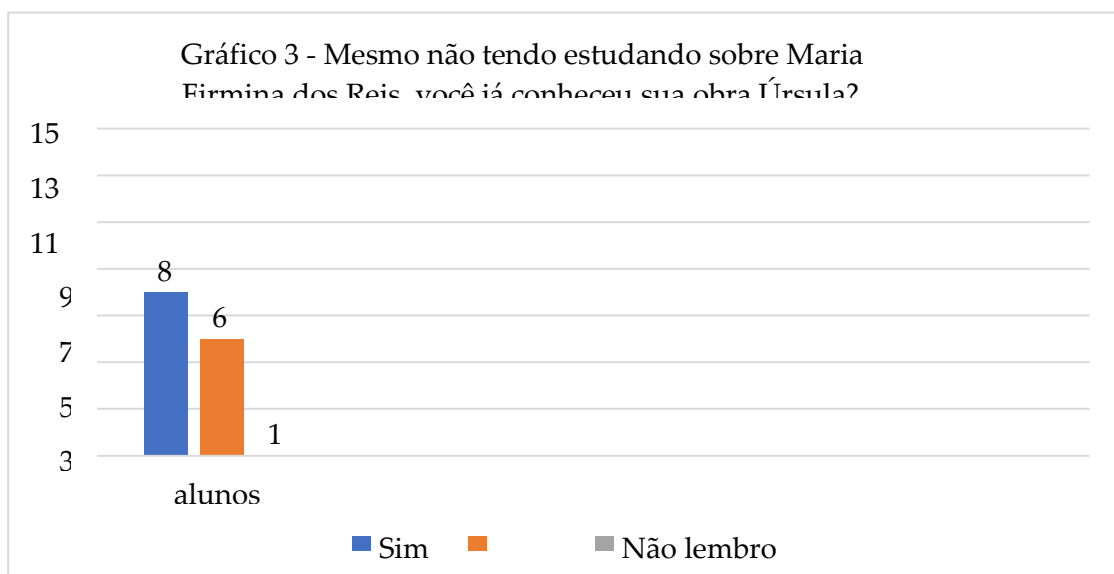
Fonte: Pesquisa direta, 2023.

A partir dos dados obtidos, foi possível compreender que metade dos alunos entrevistados não conheciam Maria Firmina, aqueles que não conheciam quando contei que ela foi uma autora maranhense, negra e pioneira em sua área, ficaram animados e queriam conhecer mais sobre ela – e foi isto que ocasionou no projeto final.

Podemos observar também o que Evaristo (2005. p. 1) fala na questão do apagamento e invisibilidade da mulher, principalmente a negra. Entretanto, sua presença contribui para o processo de inovação e desenvolvimento da literatura nacional – embora muitas vezes não seja lembrada ou reconhecida, como é o caso de Firmina. Sobre esse papel de importância da mulher na literatura afro-brasileira – e para a literatura nacional como um todo –, Evaristo (2020) nos diz que

Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas. Creio que a autoria de mulheres negras, [...]. tende a dar outros sentidos à Literatura Brasileira. (EVARISTO, 2020. p.37)

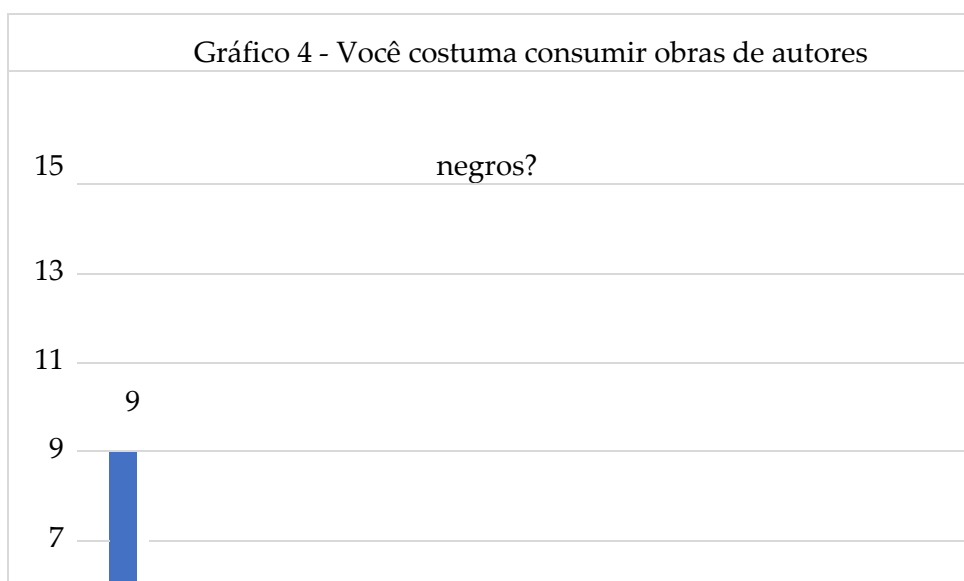
No terceiro questionamento da entrevista, ainda sobre Firmina dos Reis, desta vez em relação a sua obra prima Úrsula. Quando questionados sobre seu conhecimento sobre o escrito, os dados se alteram

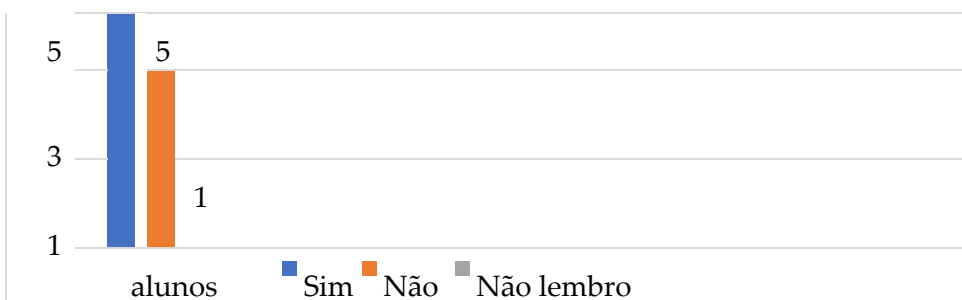


Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Em relação ao conhecimento sobre a obra da escritora é até viável dado que o livro tem uma linguagem complexa e que exige um cuidado maior na hora de ser ensinado. Para aqueles que conheciam a obra, quando questionados sobre onde viram, alguns responderam que fora em um trabalho de um professor no qual não souberam responder, alguns chegaram a ler um pouco mas acharam “muito difícil”. Já aqueles que não conheciam me prontifiquei a falar um pouco sobre seu enredo, quais eram os personagens e sua importância. Alguns demonstraram interesse já que era a primeira vez que tinham o contato com a história.

Passando para o penúltimo questionamento pretendo saber dos alunos sobre a existência de um hábito de consumir obras de autores negros, o resultado se mostrou aparentemente positivo.



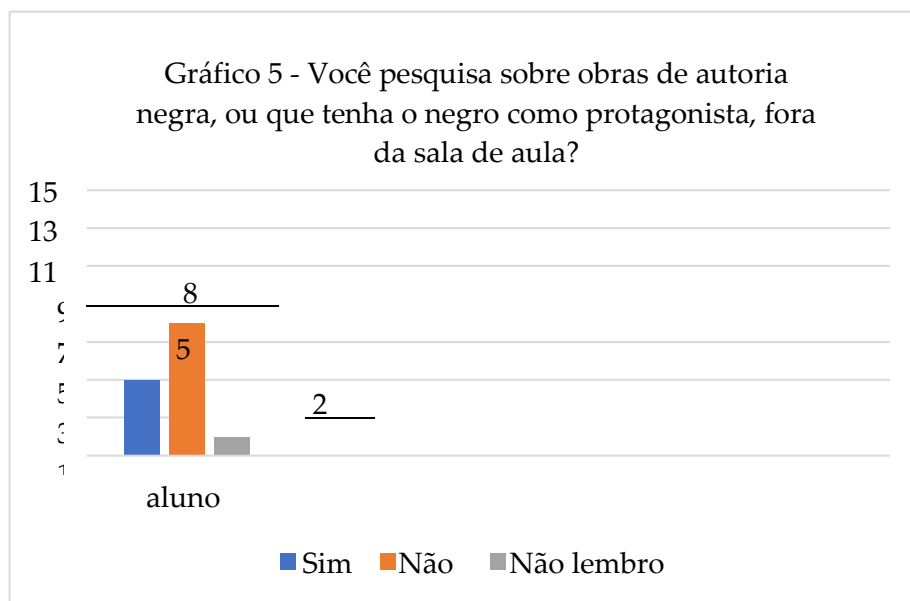


Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Vê-se que mais da metade dos alunos tem sim o costume de ler ou conhecem obras de autores negros. Quando questionados sobre o nome de algum desses autores alguns tiveram receio de responder, um deles respondeu que lê muito Machado de Assis. Quanto aos alunos que reponderam não ter o costume de consumir obras de autoria negra quando forma questionados o porquê de não lerem ou pesquisarem, não souberam responder

Entrando na questão identitária mestiça de Machado de Assis, é de grande relevância observar que a literatura negra conseguiu “resgatar” a identidade negra em um dos autores mais importantes da literatura nacional. Embora, com já ressaltado neste trabalho, que existe uma falta de representação e posicionamento para com essa sua identidade negra dentro de suas obras, é inegável e indiscutível a sua contribuição – de certa forma – para o movimento da literatura negra. Como bem afirma Ianni (1988): “[...] Sim, Machado de Assis pode ser um clássico da literatura negra, assim como o é da brasileira. E talvez, pelo mesmo motivo.” (p. 94).

Para finalizar, quando perguntados sobre o hábito de pesquisar sobre obras de autores negros ou que tenha um negro como protagonista, fora do ambiente escolar o resultado se mostrou negativo.



Fonte: Pesquisa direta, 2023.

Parte majoritária da sala não procuram ou tem interesse por pesquisar obras de protagonismo negro a não ser que o professor os instrua para uma pesquisa específica ou que seja para algum trabalho em específico que estejam fazendo. Quando questionados o porquê disso, muitos não souberam responder, já uma parte disse que não sabia por onde começar.

Dessa forma entramos em outro problema que é a questão do letramento literário dentro da sala de aula, ou a falta dele. A escola tem um papel fundamental neste sentido

pois é dentro dela que o aluno irá desenvolver e tomar gosto pela leitura, se o aluno não tem o costume de ler, então ele não irá, obviamente, buscar ou querer se debruçar em obras ou autores negros – ou não – fora do ambiente escolar. Sobre isto Leal e Albuquerque (2010) nos falam que:

[...] a escola pode ajudar a construir motivações para que o ato de ler seja mais do que uma exigência escolar. Assim, além de a escola contribuir para a leiturização da comunidade, pode agir de modo a criar um ambiente leitor cada vez mais ampliado. (LEAL E ALBUQUERQUE, 2010. p. 94.)

Tendo analisado as repostas do questionário, junto das respostas orais dos alunos, mostrou-se necessária uma forma de pensar de forma mais dinâmica e simplificada para levar os alunos a construírem esse letramento literário de autoria quanto tematização negra. Foi a partir disto que surgiu a ideia de propor um projeto com o intuito de estimular o acesso às obras, por procurar e consumir obras de autoria negra, tanto para aqueles alunos que são jovens negros e que precisam criar desde cedo essa identidade e a afirmação de ser negro. E para os demais, não propagar mais com o preconceito e o racismo, construindo, portanto, um pensamento antirracista. E para ter como obra de representação negra positiva principal, foi utilizado o livro Ursula, que despertou o interesse geral dos alunos.

CONCLUSÃO

A literatura afro-brasileira é rica e vasta. Como foi mostrado durante todo o percurso histórico analítico, o negro é muito mais do que apenas um estereótipo – um escravo, uma ferramenta de desejo sexual, alguém agressivo. – sendo assim, é nítida a necessidade de trabalhar e construir ainda mais um repertório mostrando o negro de uma forma positiva, ressaltando a sua cultura, sua religião, valores e costumes. Dessa forma, o aluno desenvolverá desde cedo um pensamento crítico sobre determinadas representações, desenvolvendo consigo uma prática antirracista.

E para aquele aluno que é negro, que está ainda em processo de aceitação, é ainda mais importante e necessário que ele se veja nas leituras que são trabalhadas dentro da sala de aula, não de uma forma negativa, mas sim, de uma maneira na qual ele sinta orgulho e queira conhecer a cultura e os costumes do seu povo antepassado.

Os alunos que participaram do projeto demonstraram grande interesse no desenrolar da apresentação, procurando discutir e compreender sobre as várias formas de estereótipo e racismo que o negro sofria – e vem sofrendo – não só dentro do âmbito literário, mas fora também. Não só se limitando a isto, os participantes também demonstraram um forte interesse na própria Maria Firmina dos Reis e na sua obra Úrsula – mesmo tendo achado complicado e difícil a leitura.

No que se refere a Maria Firmina, é inegável que seu trabalho pioneiro incentivou e incentiva até hoje a literatura negra brasileira. Sua contribuição é algo notório e necessário não só para literatura negra, mas para a nacional, mostrando que sim, o negro tem voz, força, e como mulher negra, mostra que a mesma pode representar muito mais do que apenas um corpus

de interesse sexual ou apenas uma senhora dona de casa. Ela pode ser uma mulher africana que perdeu sua liberdade, como se observou em Preta Susana, mas nunca perdeu sua humanidade, uma senhora dona de escravos, mas que possui um coração bom ou apenas uma jovem moça que queria conhecer e entender sobre o amor, mas que no fim, o mesmo a fez perder a vida.

Portanto, é de grande interesse que políticas públicas como a Lei 10.639/2003 continuem a ser desenvolvidas dentro da sala de aula para que se torne ainda mais comum o aluno conhecer e entender sobre a cultura negra e que esse saber seja nutrido se aprofunde para além das paredes da escola.

Referências Bibliográficas

A escrava Isaura, Bernardo Guimarães. Domínio Público.gov. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000057.pdf>. Acessado em 10 de set de 2023.

DUARTE, Eduardo. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 31, p. 11-23, 2008.

DUARTE, Eduardo. **Maria Firmina dos Reis e os Primórdios da Ficção Afro-brasileira**.

Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira**. Revista Palmares, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição **Olhos d'água** / Conceição Evaristo. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016

HOFBAUER, Andreas. Uma história de branqueamento ou o negro em questão. 2006.

IANNI, Octavio. **Literatura e consciência**. Revista do Instituto de estudos Brasileiros, n. 28, p. 91-99, 1988

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Literatura e formação de leitores na escola. **Literatura: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino**, v. 20, p. 89-106, 2010.

LITERAFRO-Portal da Literatura Afro-brasileira. Universidade Federal de Minas Gerais (letras. ufmg. br (Memento od 15. července 2016 v internetovém archivu), 2016.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes. Colonialidade e silenciamento nos cânones literário e historiográfico brasileiros. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual** – Año 13 – N° 22 – 2022: pp. 202-217. ISSN 1853-7049.

MELO, Elisabete. **História da África e afro-brasileira: em busca de nossas origens**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

O Navio Negreiro, Castro Alves. Domínio Público.gov. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf> . Acessado: 10 de set. de 2023

O mulato, Aluísio Azevedo. **Obgdigital. Livros eletrônicos. O mulato.** Disponível em: https://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/o_mulato.pdf Acessado em: 10 de set. de 2023.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. / Ana Cláudia Lemos Pacheco. - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos avançados, v. 18, p. 161-193, 2004.

SARAIVA, Emmanuel de Jesus. **A influência africana na cultura brasileira**. São Luís, 2013.

ÚRSULA. 1ª edição 1859. Florianópolis: Editoras Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.